

## A LEITURA FEMININA

*Martha Ribeiro Parahyba*

### RESUMO

Embora alguns reconheçam, depois da Estética da Recepção, que o sentido de uma obra se constrói também na sua leitura e que a leitura não depende do gênero, é possível que a condição sexual do leitor afete a interpretação.

### PALAVRAS-CHAVE

Leitura - Interpretação - Mulher

Estudos sobre a Literatura focalizam, em geral, questões concernentes ao Autor e à obra literária. Ao escapar deste universo, aguçam a curiosidade e dão margem a boas discussões. Assim acontece com a teoria sobre a valorização da experiência estética.

Regina Zilbermam, numa síntese dos princípios da **Estética da Recepção**, (1) destaca o papel do leitor no confronto com a obra explicando que esse papel produtivo confere sua identificação com o texto lido, e enfatiza a idéia de que uma obra só pode ser julgada do ponto de vista do relacionamento com seu destinatário.

Não é difícil aproximar destas reflexões as de Jonathan Culler sobre o sentido, para o leitor, da interpretação de uma obra:

É uma descrição daquilo que acontece ao leitor: como várias convenções e expectativas entram em jogo, onde conexões específicas ou hipóteses são colocadas, como as expectativas são derrotadas ou confirmadas. Falar do sentido de uma obra é contar uma História da leitura. (2)

Discutir a História da leitura não é nosso propósito; interessamos buscar argumentos que possa pensar a instigante pergunta de

IDEAÇÃO	Foz do Iguaçu	n.1	p. 33-36	jul/dez. 1998
---------	---------------	-----	----------	---------------

Culler: sobre se o sentido de uma obra está associado à experiência do leitor, “que diferença faz se o leitor é uma mulher?” (3)

Diferentes caminhos podem ser tomados na abordagem do problema da experiência do Leitor - Mulher. Procurar identificar pensamentos, atitudes, comuns a mulheres na sua jornada de leituras é tarefa às vezes ingrata, às vezes sofrida. Como é o que pode acontecer com a obra aqui a ser investigada: **Boca do Inferno** (1989), de Ana Miranda (4) remonta a um período histórico em que as condições de vida das mulheres eram bastante diversas das de hoje em dia, mas vestígios da herança cultural ainda se fazem notar.

A narrativa desenvolve-se em meados do séc. XVII, na Bahia Colonial, após o assassinato do alcaide-mor do Governador Antônio de Souza Menezes por um grupo adversário. A pretexto de fazer justiça, o governador Geral inflige dura perseguição aos assassinos, instaurando um período de violência e terror, só encerrado quando a Coroa Portuguesa envia Rocha Pita para proceder à Devassa. Esta obra é protagonizada por Gregório de Matos e Guerra, folclórico poeta brasileiro de estilo Barroco.

Tomando a inteligibilidade da obra como ponto de partida, suponha, agora, que o olhar da leitora recaia sobre a seguinte passagem:

“Então aquele velho cego é o marido de dona Maria Berco?”, disse Gregório de Matos.

“Estás interessado naquela moça, hem?! Moça linda! “Mas tão estranha”.

“Estranha, por quê?”

“Não sei bem”, disse Gonçalo Ravasco. “Dizem que ela quer aprender a ler”. (5)

Descontada a distância temporal, a condição de uma das personagens estar sendo “examinada” e, mais do que isto, “estranhada” (por querer estudar), não pode afastar a leitora da significação histórica desta fala e de suas implicações - do que é dito e daquilo que se oculta: papéis diferentes, vivências diferentes,

significados diferentes. O fato de dizer respeito a um “longínquo” momento histórico não deve servir como atenuante para o questionamento destas possíveis leituras. Se o processo da leitura é também entendido como resultado da percepção de mundo, como já foi visto, como Mulher esta experiência também é individualizada. Ser Mulher e ler como Mulher nem sempre é a mesma coisa. Ler como Mulher é assumir uma identidade sexual definida, com experiências típicas. É fazer uma leitura em busca de elementos que traduzam estas experiências. É uma continuidade entre sua vivência de mundo e sua vivência como leitora; reagindo, observando, sobretudo, analisando como Sujeito do Processo da/na Obra-Mundo, consolidando o papel central da leitora na tessitura do significado e amadurecendo sua consciência crítica.

Através desta perspectiva é possível compreender melhor as transformações que vêm se processando no mundo feminino, e na cultura em que está imerso.

Acolhendo esta perspectiva, o diálogo entre Gregório de Matos e Gonçalo Ravasco, a seguir, ilustra um destes aspectos da formação cultura própria da “condição de mulher” - do passado:

‘As mulheres devem cumprir sua parte’, disse Gonçalo Ravasco.

“Fornicar, fornicar, dia e noite fornicar”.

“Nada disso. Que sejam tolas, alegres e recatadas. Não se deve permitir que a mulher se torne uma igual. Devem ser conservadas sempre a uma discreta distância, tratadas com severidade, alimentadas com um regime escasso de carícias temperado com ameaças, de acordo com o manual de Tiraqueau.” (6)

E, numa outra passagem, se não fosse da seriedade de suas motivações até poderia causar riso: dessa vez, nosso famoso Padre Antônio Vieira, dirigindo-se à sobrinha, diz: “Uma mulher honrada não deve andar na rua a não ser para seu batismo, casamento e enterro”. (7)

O que se pretende com estas ligeiras colocações é, retomando a questão do leitor-mulher, apontar alguns trechos de **Boca do inferno** que permitam a reflexão sobre o papel da leitora-crítica, atenta não só às possibilidades interpretativas de uma obra. Mais do que simples discriminação feminina, como pode parecer a alguns, a possibilidade de “acessar” novos instrumentais críticos abre espaço para a modificação de sua percepção de mundo.

### Notas e referências bibliográficas

- 1 ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.
- 2 CULLER, Jonathan D. **Sobre a desconstrução: teoria e crítica de pós-estruturalismo**. Rio de Janeiro: Rosa dos ventos, 1997. P. 43.
- 3 \_\_\_\_\_. P. 51.
- 4 MIRANDA, Ana. **Boca do Inferno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- 5 \_\_\_\_\_. P. 113.
- 6 \_\_\_\_\_. P. 114.
- 7 \_\_\_\_\_. P. 145.